

**Jean Remy e Liliane Voyé, *La ville: vers une nouvelle définition?*,
L'Harmattan, Paris, 1992**

Este livro é o resultado do pensamento constante e interessado que Jean Remy e Liliane Voyé têm dedicado à cidade há três décadas¹ e é uma tentativa de entendimento do actual processo de mudança das formas de organização espacial. Subjacente às suas análises do urbano estão alguns pressupostos sobre a importância do estudo da cidade "per si" e sobre os processos de transformação da cidade actual.

Desde sempre que os autores defenderam a importância do estudo da cidade e a sua especificidade no contexto da sociologia, bem como a não deductibilidade das formas espaciais das outras esferas do social. Aqui assumem-se claramente as dimensões de interacção entre o espaço e as outras dimensões, defendendo-se que "os modos de espacialização da vida social devem ser estudados como um fenómeno social total mas entendido sob um ângulo específico" (p.169).

Atravessa o livro a percepção de que a cidade está em franca mudança, entendida como resultado da mobilidade que caracteriza a sociedade dos nossos dias: "Nesta perspectiva, é particularmente importante entender a transformação dos modos de espacialização resultantes do desenvolvimento da mobilidade sob todas as suas formas, quer se trate daquelas que aqui evocámos quer daquelas que as novas tecnologias começam a induzir" (p. 169).

Procurando, sob o ângulo "das formas de apropriação do espaço", detectar as actuais transformações da cidade, os autores articulam na análise a forma das cidades e a vida urbana a partir de uma matriz de três entradas: o "sistema social", o "sistema cultural" e o "sistema da personalidade"².

Confrontando várias formas espaciais com vários modos de apropriação do espaço — a aldeia, a cidade não urbanizada (a cidade medieval), a cidade no processo de

industrialização e a cidade "em situação de urbanização" — os autores interessam-se pela "compreensão do estatuto do espaço e dos modos de agrupamento das populações...o propósito é mostrar como a urbanização, entendida como processo que integra a mobilidade espacial na vida quotidiana, conduz a uma redefinição da incidência dos modos de territorialidade sobre as formas sociais de trocas e de estruturação das relações de força" (p.7).

A mobilidade espacial característica da vida de hoje permite não apenas uma extensão indefinida da cidade mas a alteração da sua lógica funcional e residencial. Assiste-se a uma dissociação espacial das funções urbanas e a uma "especialização" das lógicas residenciais, marcadas quer pelas condições económicas de acesso a determinados bairros quer pelos ambientes culturais e simbólicos que eles transmitem, o que origina uma distribuição segregada dos grupos sociais pelos diferentes "bairros".

Assim, na cidade actual a população tem obrigatoriamente que se deslocar. A mobilidade é uma condição de adaptação e de participação na vida urbana e a maior, ou menor, capacidade dos grupos sociais em se integrarem nesta mobilidade definirá o seu direito, ou exclusão face à cidade.

As lógicas de apropriação da cidade estão profundamente marcadas "pela possibilidade e capacidade de integrarem positivamente a mobilidade e a diluição do controle ecológico que era, também ele, um garante da segurança de cada um".

Depois de analisar, de forma "ideal-típica" e segundo as "três entradas" já referidas, as diferenciais formas de apropriação do espaço pelas famílias (definidas através de perfis de projectos de vida) os autores debatem algumas das interrogações mais interessantes e mais actuais sobre a cidade.

Pretende-se que a urbanização, tendo feito diluir os sentimentos de pertença colectiva a favor da primazia do individualismo e do direito à escolha, está perante a emergência de uma sociedade de massas que questiona a sua relação com as elites e com a multidão nas suas definições tradicionais³.

Defendem os autores que a "anomia" não parece ser a resposta urbana mais frequente e que seria necessário aprofundar a "tensão dialéctica" entre a consciência individual e consciência colectiva colocando a hipótese de "novas consciências" que as articulem.

La ville: vers une nouvelle définition? é um livro muito bem estruturado que nos leva menos a um conhecimento de novos factos do que a uma nova reflexão e interpretação sobre os factos que já conhecemos. Ele, tal como o título sugere, é importante, menos pelas respostas que dá do que pelas interrogações que coloca que são, de facto, aquelas com que se debatem, hoje, os pensadores sobre a cidade seja qual for a especificidade da sua intervenção.

Notas

¹Os dois autores publicam o seu livro *Ville, phénomène économique*, em 1966, *La ville et l'urbanisation*, em 1974, *Ville, ordre et violence* em 1981 e os dois autores e Emile Servais, *Produire et reproduire: une sociologie de la vie quotidienne*, em 1980.

²Jean REMY, Liliane VOYE, Emile SERVAIS, *Produire et Reproduire?: une sociologie de la vie quotidienne*, 1980, 2 vol., Vie Ouvrière, Bruxelas.

³As actuais "violências urbanas" no mundo ocidental e o permanente fazer e desfazer das clientelas partidárias e *lobbies* mostra a importância desta reflexão para o entendimento dos "actuais movimentos urbanos".

Isabel Guerra